

Entre as representações e o autor: uma análise da liberdade sexual em *Berlin Alexanderplatz*

Dawyd Thiago de Oliveira
Almeida*
Thawanny Victória Santos
Costa **

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i2p8-37

Resumo: O presente artigo pretende discutir de que forma a liberdade sexual desenvolvida na Alemanha, durante a República de Weimar, tendo sido Berlim o seu epicentro, é representada no romance alemão *Berlin Alexanderplatz* (1929), escrito pelo autor e psiquiatra Alfred Döblin. A partir da análise da representação em questão, discutiremos a forma como determinados elementos construídos pelo autor destoam do discurso elaborado e reproduzido sobre a Berlim weimariana, o qual instaurou no imaginário ocidental uma imagem da capital alemã marcada pela devassidão sexual. Também procuramos tecer hipóteses sobre por qual motivo o autor do romance prioriza determinadas formas de retratar a liberdade sexual em detrimento de outras. As suas representações parecem ter sido feitas sobretudo devido a determinadas convicções que ele parece ter tido em vida e transpareceu em suas obras. Utilizando o romance como fonte primária, tentaremos erigir alguns olhares sobre a história de Berlim durante a República de Weimar, contribuindo para a desconstrução do seu mito que já não pode ser mais cabível no desenvolvimento de novas narrativas.

Palavras-chave: Berlim, Liberdade sexual, Literatura, Weimar.

* Licenciando em História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: thiagodawyd@hotmail.com.

** Licencianda em História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: thawsantoscosta@gmail.com.

Introdução

A queda do Império, o fim da Primeira Guerra Mundial e a ascensão da República de Weimar proporcionaram à Alemanha uma nova era que ficou marcada no imaginário ocidental. Nos anos da República de Weimar, Berlim “chegou a ser considerada como um centro cultural europeu extremamente importante, na vanguarda da arte moderna, literatura, música e arquitetura”, passando a ter o “espírito” da modernidade (SCORER, 2010, p.85, tradução nossa). No decorrer dos anos da república, Berlim passou a ser o principal destino de muitos intelectuais da Europa, como o de muitos britânicos (SCORER, 2010, p.85). O olhar histórico sobre a Berlim weimariana permite a observação do que Russo (2018), a partir da leitura de outros autores, designa de “laboratório da modernidade”, metáfora utilizada como consequência das práticas que ali foram construídas e desenvolvidas graças ao ambiente de transformações políticas, sociais e culturais.

Foi nesse período que ocorreu o desenvolvimento de uma liberdade sexual na Alemanha, a qual, apesar de ter surtido efeito em outras cidades de distintas formas, teve como espaço central de exacerbação a capital Berlim, devido à construção do primeiro movimento social em massa da história da emancipação homossexual, ao enfraquecimento da censura, proporcionando a liberdade sexual de pensamento, às formas de se lidar com a proliferação das identidades sexuais, à construção de subculturas lésbicas e de transgêneros, ao fortalecimento da subcultura gay etc. E isso não surgiu do nada. Nessa cidade, “a virada do século [...], a guerra e a subsequente austeridade dos tempos do pós-guerra alemão trouxeram uma política de relativização e tolerância por parte das autoridades que regiam o funcionamento público” (RUSSO, 2018, p.139).

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

Tais questões ocasionaram a construção de um discurso sobre Berlim que a designava como um espaço associado pejorativamente à “degeneração moral” e à decadência sexual (GORDON, 2006, p.2). Tal discurso acabou sendo largamente reproduzido e marcado no imaginário ocidental, em razão da liberdade sexual que ali se manteve de forma intensa durante os anos da República de Weimar. Segundo Morgan (2012, p.49), até recentemente as narrativas de crises estavam presentes para explicar o período que antecedeu a ascensão de Hitler. Para os reprodutores dessa ideia de grande desacordo factual, Berlim era a “Meca sexual”, e a prostituição e os relacionamentos homossexuais que não encontravam tamanhos limitantes na cidade levaram à ascensão do nazismo (RUSSO, 2018, p.188).

A liberdade sexual como algo degenerativo e decadente passou a ser a principal imagem construída nas narrativas daqueles que se fixaram por um tempo na capital da Alemanha, sobretudo pelos ingleses. O autor Wyndham Lewis, em sua obra *Hitler*, publicada em 1931, escreveu que Berlim era a “capital do vício” — impressão que teve quando viajou à Alemanha em 1921 —, afirmando que a cidade era “o paraíso dos pervertidos”, construindo um discurso que a denominava como ambiente da degeneração (STORER, 2010, p.88).

Esse “mito” construído sobre Berlim, palavra emprestada do trabalho da historiadora Russo (2018), proporcionou uma imagem equivocada de um tempo e de um cenário repletos de novas formas de relações sociais, pensamentos, identidades e lutas. De acordo com Gordon, “como a Babilônia e a Roma de Nero, a Berlim weimariana entrou em nosso dicionário topológico como sinônimo de degeneração moral” (2006, p.2, tradução nossa).

Contrariando tais narrativas, que visibilizam as complexidades sociais

Entre as representações e o autor

desenvolvidas durante a República de Weimar, sobretudo o seu espectro social e cultural, a partir da leitura do romance alemão *Berlin Alexanderplatz*, de Alfred Döblin, analisaremos as dinâmicas em torno das representações da liberdade sexual em Berlim feitas pelo autor, as quais contrariam o discurso do mito sobre Berlim. Publicado em 1929, o romance possui como cenário a Berlim do pós-guerra. Construindo uma narrativa que abrange as principais problemáticas sociais vividas na capital alemã durante o novo contexto na qual se encontrava, o romance em questão é uma importante fonte histórica para construir um novo olhar para a História do seu período de publicação.

Em *Berlin Alexanderplatz*, temos contato com a liberdade sexual nas suas mais variadas formas, seja através dos meios de comunicação, das relações entre homossexuais, da prostituição, dos diálogos e até mesmo dos movimentos em prol dos direitos da comunidade homossexual. Isso posto, focaremos sobretudo na forma como alguns desses elementos — que compuseram o que a bibliografia sobre o período denomina de liberdade sexual — são representados no romance escrito por Döblin.

Aplicando as teorias de Chartier (2002), Burke (2005) e Pesavento (2004), elaboramos questionamentos sobre por qual motivo algumas representações desenvolvidas pelo autor foram realizadas, passando a entender que elas estão imbricadas de diversas questões da sua vivência, como um agente histórico, que auxilia na elaboração do seu romance. Além disso, utilizamos como base fundamental a dissertação de Russo (2018), a qual nos forneceu uma considerável base bibliográfica e de hipóteses para o desenvolvimento deste trabalho.

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

1. Traçando o conceito de representação

Tecendo uma definição para História Cultural, Chartier explica que o seu principal objetivo é a busca por compreensão de “como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (2002, p.17), sendo transformada em uma representação. Isso posto, o historiador deve trilhar as veredas do método crítico para perscrutar a forma como uma realidade foi apreendida na representação, investigando as diferentes forças que atuam na sua construção, visando entender por qual motivo, numa determinada obra, uma imagem ganhou espaços em detrimento de outra (BURKE, 2005, p.33).

Tal operação investigativa deve ser feita, uma vez que as representações, como o resultado de uma realidade apreendida,

Embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Dessa forma, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p. 17).

Assim sendo, as representações são discursos desprovidos de neutralidade por parte daqueles que as constituem e precisam ser, portanto, investigadas.

Como representação, os romances também entram no cadinho das fontes investigadas pela história cultural, seguindo o paradigma de análise supracitado. Na obra *Berlin Alexanderplatz*, escrita por Alfred Döblin, buscamos compreender como a apreensão da liberdade sexual vivida no cotidiano da Berlim de Weimar foi representada. A partir das informações obtidas acerca do método de construção da obra, do lugar social do autor, da sua bibliografia, do seu envolvimento em determinadas campanhas e dos grupos sociais nos quais estava inserido, observamos que Alfred Döblin representa a liberdade sexual dando lugar a determinadas imagens

Entre as representações e o autor

erigidas segundo algumas motivações. Como um discurso, o romance alemão deve ser analisado considerando-se as forças que atuam para a sua construção, para que, dessa forma, possamos entender de que maneira essa representação contribui para os olhares críticos sobre a Berlim weimariana.

Somando as teorias da problematização sobre a representação, Pesavento (2006) explica que

Ao construir uma representação social da realidade, o imaginário passa a substituir-se a ela, tomando o seu lugar. O mundo passa a ser tal como nós o concebemos, sentimos e avaliamos. Ou, como diria Castoriadis, a sociedade, tal como tal é enunciada, existe porque eu penso nela, porque eu lhe dou existência – ou seja, significação – através do pensamento. (PESAVENTO, 2006).

Desse modo, o imaginário de quem produz uma representação atua no processo de tecê-la, uma vez que, nessa prática social, o que também está em jogo são ideias e concepções daqueles que realizam a sua constituição. Isso pode ser exemplificado a partir do mito de Berlim construído principalmente pelos ingleses devido a determinados aspectos que constituíam apenas uma parte pequena da Berlim central, mas que acabou servindo como generalização (STORER, 2010, p.103).

As perspectivas conservadoras de alguns autores — e os olhares de fascínio e de surpresa de outros sobre uma realidade destoante da que se encontrava na Inglaterra conservadora — possuem um impacto do imaginário na construção de discursos sobre a cidade. O autor Edward Sackville-West escreveu em seus diários e correspondências que, após ter chegado à Alemanha, em 1927–28, preferiu fixar-se em Dresden, pois, segundo ele, Berlim era o lugar para quem estava buscando desenvolver seus instintos carnais (STORER, 2010, p.88). Da mesma forma, Nathaniel Wraxall afirmou, em seus escritos, que Berlim possuía uma magnificência “que não afeta agradavelmente a mente” (STORER, 2010, p.85, tradução nossa).

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

Para não reproduzirmos uma narrativa que compactua com o mito, é importante frisar que muitos escritos e narrativas produzidos por ingleses não focaram apenas na imagem de Berlim como “um lugar de decadência, de luzes brilhantes, *jazz*, bebida, drogas e sexo, de discotecas e cabarés sujos” (STORER, 2010, p.102, tradução nossa), caricatura pela qual a capital ficou famosa. Outros escritos também construíram uma visão de Berlim como “um importante centro cultural” e de “oportunidade e uma moderna capital Cosmopolita” (STORER, p.94, tradução nossa). Contudo, é inegável que o que ganhou força foi o discurso de Berlim como a “Mexa sexual” (STORER, 2010, p.102).

Para Chartier, “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (2002, p.17). No caso das narrativas sobre a Berlim de Weimar, tais lutas são comuns. Se, para muitas narrativas inglesas, a capital da Alemanha é definida sobretudo dentro de um molde da degeneração sexual e da decadência, outras narrativas apreendem a realidade social de Berlim de uma forma diferente, observando que a liberdade sexual era apenas uma das questões sociais que estruturavam o cotidiano da metrópole. Nos dois casos, a disputa ocorre, pois ambas as representações são enunciadas dentro de esquemas de apreensão do social, através dos distintos imaginários e lugares sociais.

Nas palavras de Alfred Döblin, no processo de construção da obra, ele “podia confiar na linguagem: a linguagem falada de Berlim; podia criar a partir dela, e os destinos que vi e compartilhei, o meu inclusive, garantiram-me um caminho seguro” (DÖBLIN, 2019, p. 527). Essas palavras demonstram que os seus valores sociais e a vivência na cidade foram essenciais para a construção do romance como uma

representação. O que o autor de *Berlin Alexanderplatz* realizou em sua obra foi apreender uma liberdade sexual que era apenas um dos aspectos que engendraram o contexto histórico em questão, como também defende Russo (2018) ao analisar o romance. Ao erigir tal narrativa sobre a Berlim de Weimar, o que o autor está tentando nos dizer? Como ele lia a realidade? Quais eram os objetivos dele ao optar por uma imagem em detrimento de outras? São perguntas que buscaremos responder.

2. À luz da obra

O autor e psiquiatra Alfred Döblin é considerado um dos maiores escritores de língua alemã do século XX, sendo um grande expoente do alto modernismo alemão. Nascido em Stettin em 1878, o autor emigrou com a sua família para Berlim ainda criança, onde passou grande parte de sua vida. Publicado em 1929, a obra-prima do autor, *Berlin Alexanderplatz*, retrata a vida de Franz Biberkopf, personagem berlinense que, nas páginas iniciais da narrativa, é dito que está saindo da prisão de Tegel após cumprir pena por ter violentado a sua ex-mulher, a qual, em decorrência dessa violência, chegou a óbito. A história de Franz Biberkopf, após voltar à sociedade, é o tema que permeia a narrativa.

Na introdução do primeiro livro, o narrador explica que: “Este livro fala de um antigo operário de construção e de transportes, Franz Biberkopf, em Berlim. Saiu da prisão onde cumpriu pena por incidentes antigos, está de novo em Berlim e quer ter uma vida decente” (DÖBLIN, 2019, p. 9). Para “endireitar” a sua vida em Berlim, a qual passará por muitos percalços, a personagem passa a trabalhar em diversos ramos, entrando posteriormente para o mundo da criminalidade.

Contudo, *Berlin Alexanderplatz* não é apenas sobre Franz Biberkopf. Antes de

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

tudo, o romance é sobre o cotidiano da Alexanderplatz. Essa era a parte da cidade na qual havia o entrelaçamento das miríades de questões sociais vividas por Berlim durante a República de Weimar. Acompanhando a trajetória de Franz e a sua busca por uma nova vida, cruzamos a Alexanderplatz,

Lugar onde se dão, [...] as transformações mais violentas, onde guindastes e escavadeiras trabalham incessantemente, onde o solo treme com o impacto dessas máquinas [...], onde se escancaram mais profundamente que em qualquer outro lugar, as vísceras da grande cidade [...] (BENJAMIN, 1987, p.61).

Concomitante com todas as transformações que ocorrerão nessa parte da cidade, depara-se com a sua gente e os seus problemas. Essa é composta sobretudo pela pequena burguesia e por pessoas como Franz Biberkopf, as quais fazem parte das classes mais baixas da sociedade berlinense, afetadas pelo projeto de modernidade, que precisam trabalhar para sobreviver em um período de grande crise econômica. Assim explica Russo, que “A ‘Berlim cintilante’, dos cabarés, dos cafés, dos *lokal*, e do turismo sexual precisa que pessoas como Franz Biberkopf, protagonista de Berlin Alexanderplatz, existam” (2018, p.10).

Segundo Benjamin (1987, p. 57), *Berlin Alexanderplatz* é “um monumento a Berlim” e o seu narrador “fala a partir da cidade. Berlim é seu megafone”. Nisso, as diversas problemáticas vividas pela sociedade berlinense são transmitidas pelo narrador a partir da trajetória de Biberkopf. A modernização, as complicações vividas pela Alemanha com o decreto do Tratado de Versalhes, o trauma após a Primeira Guerra, a nova república surgida após a queda do Império, a classe trabalhadora e os seus dilemas, os debates políticos e a criminalidade, são alguns temas que estruturam o enredo.

Como “monumento a Berlim” (BENJAMIN, 1987, p.57), através da leitura de algumas passagens da obra, é observado que Alfred Döblin elabora uma

representação da Berlim como uma capital na qual múltiplos projetos estavam em disputa (RUSSO, 2018, p. 125), dentre eles a liberdade sexual. Por isso, ela não aparece com o protagonismo em sua essência, mas, sim, como um dos constituintes da realidade vivida por muitos berlinenses do período. A partir de agora, analisaremos como ela foi representada pelo autor no seu romance.

3. As mulheres: símbolo da liberdade sexual

No capítulo de *Berlin Alexanderplatz* denominado *Lina dá o recado aos boiolas*¹, Franz Biberkopf, à procura de trabalho, encontra um jornaleiro mais velho vendendo revistas com o conteúdo sobre “educação sexual”. As revistas vendidas por ele retratam a vida de solteiro, o casamento e as práticas sexuais, possuindo, algumas, conteúdo pornográfico. No decorrer da interlocução entre Franz e o jornaleiro, somos surpreendidos por uma passagem sobre uma das revistas:

“[...] *O Amor entre mulheres*. Pode-se comprar tudo avulso. A gente pode conseguir ótimas informações, quando se tem dinheiro, mas é bastante caro. E tem um problema aqui”. “Gostaria de saber que problema é esse. Tudo isso é permitido. Não há nada proibido. Tenho permissão para tudo o que vendo e não existe problema algum” (DÖBLIN, 2019, p.77).

A revista *O Amor entre mulheres* pode ser um manual de comportamento para mulheres lésbicas, manuais que compuseram boa parte das revistas *queer* que circulavam na Alemanha, principalmente em Berlim (MARHOEFER, 2015b, p. 72-76). O título da mídia impressa e o decorrer do capítulo esclarecem de que forma a homossexualidade de mulheres foi elaborada a partir da capa da revista: “E aqui temos o Amor entre mulheres e a Amizade, e elas não falam besteiras, elas lutam. Sim, senhor, pelos direitos humanos” (DÖBLIN, 2019, p.79).

¹ Esse será o principal capítulo do romance utilizado no nosso artigo, pois ele fornece o que estamos buscando analisar em relação à liberdade sexual.

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

Foi apenas na República de Weimar que uma subcultura lésbica começou a ser desenvolvida², pois as transformações culturais, políticas, sociais e econômicas proporcionaram um ambiente propício para que mulheres lésbicas passassem a viver suas vidas livremente (ZIMMERMAN, 2000, p. 332), mesmo que ainda sofressem limitantes dependendo do local onde estavam. Principalmente em Berlim, uma cena lésbica foi desenvolvida, com a publicação de revistas e o surgimento de bares, espaços de reuniões e associações destinadas a esse público (ZIMMERMAN, 2000, p. 332).

Foi nesse período que as mulheres passaram a ser mais incluídas nos movimentos pela emancipação homossexual, o que resultou na sua inclusão nas lutas sociais (MARHOEFER, 2015a, p.41). Por isso, quando o jornalista diz “[...] elas não falam besteiras, elas lutam. Sim, senhor, pelos direitos humanos” (DÖBLIN, 2019, p.79), há algo singularmente situado no contexto da República de Weimar e na forma como os movimentos sociais de mulheres, e aqueles que as incluíram, foram mobilizados durante esse período, ocasionando em uma politização maior desse grupo social. Isso não ocorria de forma considerável anteriormente, pois grande parte dos movimentos não incluía as mulheres, pois lutavam pela descriminalização do parágrafo 175, lei que criminalizava a homossexualidade masculina, e elas não estavam incluídas nele (MARHOEFER, 2015a, p.56).

Além disso, o nascimento de uma imprensa *queer*, com a crise da censura, quebrou de forma considerável o passado de muitas mulheres lésbicas (MARHOEFER, 2015b, p.73). Nas cidades nas quais a polícia era menos tolerante com os homossexuais, como Munique, as revistas serviam como uma forma de disseminação do conhecimento (MARHOEFER, 2015b, p. 69). Em Berlim, o quadro de revisão

² Uma subcultura gay foi desenvolvida desde a Era Wilhelmina (GORDON, 2019, 81).

Entre as representações e o autor

localizado na cidade não censurava consideravelmente materiais que deveriam ser incluídos na lista de conteúdo obsceno (MARHOEFER, 2015a, p.36). Por esse motivo, o jornalista diz que “Tudo isso [as revistas] é permitido. Não há nada proibido” (DÖBLIN, 2019, p.77), pois as revistas consideradas obscenas ainda poderiam ser vendidas mesmo após ter sido listadas dessa forma (MARHOEFER, 2015a, p.36).

As novas revistas circuladas nas ruas e nos quiosques das cidades alemãs proporcionavam descrições dos clubes noturnos, poemas, cartas, questionamentos políticos, formas de se comportar, de pensar e de se vestir. (MARHOEFER, 2015b, p. 68-71). Por esse motivo o termo “educação sexual” foi usado no diálogo entre as duas personagens, uma vez que também designava revistas com viés educativo acerca de noções conceituais de sexo e sexualidade, estabelecendo padrões de comportamentos.

Muitas mulheres, antes de lerem revistas como *O amor entre mulheres*, não se reconheciam como lésbicas ou bissexuais, uma vez que não sabiam que sentiam tais sentimentos ou não entendiam o que sentiam, passando por um processo de autoconscientização ao lê-las (MARHOEFER, 2015b, p. 69). Em Berlim, ao contrário de muitas cidades da Alemanha, qualquer mulher poderia encontrar milhares de parceiras para se relacionar, por isso nunca na história da Europa a busca de mulheres pela companhia de outras foi tão intensa (GORDON, 2006, p.109). Isso fazia com que muitas mulheres de outras cidades da Alemanha invejassem as suas companheiras de Berlim, possuindo como único subterfúgio, para o seu desespero, as revistas (TAMAGNE, 2006, p.78).

Peter Burke explica que a História Cultural não deve “tratar os textos e imagens de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de um tempo”, mas,

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

sim, “praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir” (BURKE, 2005, p.33). Levando-se em consideração essa teoria, parece haver algumas questões imbricadas na escolha da representação feita por Döblin.

A partir da leitura do romance, observa-se que grande parte das menções a alguns aspectos da liberdade sexual é protagonizado por mulheres, o que não nos parece ser algo escolhido por acaso. Isso é posto, primeiramente, desde a imagem das namoradas na revista, até a menção à ação daquelas mulheres: “elas lutam pelos direitos humanos” (DÖBLIN, 2019, p77). Em determinada passagem do capítulo *Conspiração feminina...*, Mieke³, a namorada de Franz, beija Eva, uma amiga do casal.

“[...] você é minha Eva.” “O que é que sou?” “Minha Eva, minha Eva.” E Eva não consegue evitar, Sonja beija-a na boca, no nariz, nas orelhas, na nuca; Eva fica parada, depois, quando Sonja enfia o rosto no peito de Eva, esta levanta com força a cabeça de Sonja: “Menina, você é sapata”. “Que nada”, gagueja a outra e retira sua cabeça das mãos de Eva, encosta-a no rosto de Eva, “gosto de você, nem eu mesma sabia disso [...]” (DÖBLIN, 2019, p. 316).

A passagem do beijo entre as personagens, concomitante com a passagem da representação da circulação de revistas para o público lésbico nas avenidas de Berlim, podem ter sido construídas porque o autor enxergava a importância da cidade para a liberdade sexual das mulheres, o que, de fato, foi. Outra questão que corrobora para essa hipótese é a prostituição feminina. Todas as namoradas de Franz, exceto Lina, a que mais nutre preconceitos em relação à liberdade sexual, eram prostitutas, sendo fundamentais para a orientação dele na cidade (RUSSO, 2018, p.119). Foi a partir de 1920 que um *boom* da prostituição alastrou as ruas de Berlim (GORDON, 2006, p.20), o que já era presente desde o decorrer da Primeira Guerra Mundial devido às problemáticas que muitas mulheres sofreram em decorrência da guerra e do desamparo econômico (GORDON, 2006, p.15-16).

³ Na passagem, Eva a chama pelo apelido Sonja.

Entre as representações e o autor

A República de Weimar proporcionou um ambiente ainda mais problemático em termos de crise econômica e de transformações sociais do papel das mulheres na sociedade. Principalmente em Berlim, isso gerou um aumento considerável da prostituição e das formas de controlá-la, existindo locais permitidos para a sua prática, sendo constantemente monitorada pela “política moral”, ou seja, “na Alemanha as leis eram ambíguas no sentido de permiti-la” (RUSSO, 2018, p.156). Segundo Gordon (2006, p.34) havia ao todo onze ou doze zonas sexuais em Berlim durante os anos 20, sendo a *Alex* a mais popular, uma favela de dez quarteirões ao redor da Alexanderplatz, contendo aproximadamente 320 casas de “má reputação”.

É interessante a representação tanto da imagem do amor entre mulheres quanto da imagem da prostituição em Berlim representada no romance de Döblin. Na representação das revistas e no beijo entre Mieze e Eva, parece haver uma retirada do erotismo que faz parte das fantasias sexuais sobre as lésbicas e bissexuais em Berlim, o que constitui o imaginário sobre a cidade (RUSSO, 2018, p. 173). No primeiro caso, a ideia de luta pelos direitos humanos está presente, o que será retomado adiante; já no segundo, é apenas um beijo desconfortável para quem o está recebendo, nesse caso, Eva. Já a prostituição, segundo Russo, é vista como uma prática para a sobrevivência (2018, p.131), as mulheres estão no mundo da prostituição porque necessitam. Em todos esses casos ocorre o rompimento, se não em sua totalidade, pelo menos em grande parte, com o mito de Berlim.

Também acreditamos que há uma intenção do autor por retratar mulheres exercendo a sua liberdade nas passagens em que a liberdade sexual é mencionada se realizarmos uma comparação com outra obra publicada por ele em vida, antes

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

mesmo de *Berlin Alexanderplatz*. Na novela *Die beiden Freundinnen und ihr Giftmord*⁴, Alfred Döblin se baseou em um famoso caso ocorrido em Berlim de duas mulheres apaixonadas uma pela outra que foram presas por tentarem assassinar seus maridos, envenenando-os com arsênico (LEWIS, 2017, p.165). Na obra, ele constrói sua própria etiologia em torno do caso, representando mais uma vez o relacionamento entre duas mulheres (LEWIS, 2017, p.170). Não sabemos se de fato a ideia de que a República de Weimar gerou um grande favorecimento para a liberdade sexual das mulheres era algo defendido por ele, mas isso pode ser uma hipótese a ser levantada.

4. O discurso conservador

Analisemos mais um diálogo entre Franz e o jornalista:

“E aqui temos o Amor entre mulheres e a Amizade, e elas não falam besteiras, elas lutam. Sim, senhor, pelos direitos humanos.” “Mas o que falta a elas?” “Parágrafo 175, caso você não saiba.” (DÖBLIN, 2019, p.79)

Essa interlocução escancara na narrativa o cenário berlinense inexoravelmente ambíguo, pois há uma força conservadora presente no discurso do jornalista, com elementos da liberdade sexual, especificamente as revistas de “educação sexual” e a menção à luta por direitos sociais. A menção ao parágrafo 175 requer consideravelmente a nossa atenção, pois ele criminalizava a prática da sodomia entre homens na Alemanha e foi o alvo de muitas lutas pela emancipação homossexual muito antes da República de Weimar. Em suma, antes da unificação, o parágrafo em questão fazia parte do Código Penal prussiano, o qual foi adotado pela Alemanha com a formação do país (MARHOEFER, 2015a, p. 72).

Em 1851, as relações sexuais entre mulheres foram excluídas do parágrafo 175, sobretudo devido aos novos olhares sobre a prática da sodomia, que passou a ser

⁴ “As duas amigas/namoradas cometem assassinato” [Tradução em RUSSO, 2018, p.70].

considerada um ato penetrativo apenas quando ocorria o uso do pênis durante o ato sexual, excluindo a utilização de dedos e dildos como práticas sodomizadas (MARHOEFER, 2015a, pp.72-73). A prática do sexo entre mulheres passou a ser considerada a masturbação mútua, a qual, distinguindo-se de outros países da Europa, não era criminalizada na Alemanha (MARHOEFER, 2015a, pp.73-74).

Diversos movimentos em prol da censura e que possuíam um caráter religioso de preservação da “moral cristã” foram desenvolvidos e intensificados durante a República de Weimar, especialmente em Berlim, devido às transformações sociais que eram vistas como “indecentes” (MARHOEFER, 2015a, p.76-77). Tais movimentos, como as Ligas de Berlim Para Combater a Imoralidade Pública (MARHOEFER, 2015a, p. 34), eram organizações sociais compostas por líderes ativos politicamente. Franz Brünner, por exemplo, foi uma das grandes personalidades que reagiram à ordem vigente, sendo um militante que lutava em Berlim por uma censura rígida (MARHOEFER, 2015a, p. 33).

O pensamento conservador alemão, durante a República de Weimar, acreditava que a homossexualidade feminina poderia trazer a “masculinização” da mulher, o fim do nascimento e a emancipação feminina (MARHOEFER, 2015a, p.74). Em 1929, quando o debate político passou a se intensificar em torno da descriminalização do parágrafo 175, diversos ativistas levaram a sua oposição para a corte, defendendo a criminalização da mulher lésbica, o que não foi bem sucedido, uma vez que diversos políticos defendiam a ideia de descriminalizar a homossexualidade masculina e não estender a criminalização (MARHOEFER, 2015a, p. 75).

Logo após explanar sobre as mulheres presentes na capa da revista *O amor*

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

entre mulheres, respondendo à pergunta “Mas o que falta a elas?”, o jornalista afirma que elas necessitam do parágrafo 175, demonstrando a sua visão conservadora. Isso nos leva a retomar o que supracitamos no início deste artigo. Em Döblin, a liberdade sexual não possui um cunho que elucida um período pautado na “degeneração moral”, retratando a Berlim como a Babilônia ou a Roma de Nero (GORDON, 2006, p.2).

O autor procura retratar um ambiente ambíguo da capital, no qual há múltiplas disputas e projetos se relacionando e se contrapondo entre si (RUSSO, 2018, p.125). Por esse motivo, há uma ambiguidade em relação à vivência na cidade, contrastando liberdade — se pensarmos em como os LGBTQ# passam a não ter amplos limitantes que prejudiquem consideravelmente a sua vivência —, com repúdio conservador — se pensarmos os movimentos de reação à ordem vigente que contestaram o que chamavam de “imoralidade” presente na capital. Também é interessante pensar que o jornalista, mesmo com esse pensamento, permanece vendendo tais revistas. Isso ocorre pois “[...] é preciso sobreviver na cidade, e que se faz o possível para isso” (RUSSO, 2018, p. 131).

Dessa forma, como reação ao período de uma considerável liberdade sexual que até então não havia sido vista de forma tão intensa em outros locais da Europa, temos pessoas que permanecem com a sua aversão, pois observar o crescimento e o exercício da sexualidade de homossexuais homens e mulheres não era tão agradável. Um exemplo da representação dessa mentalidade aversa ao ambiente de liberdade sexual é a personagem estrangeira Lina, namorada de Franz, a qual se espanta com as revistas de “educação sexual”. Por coincidência ou não, Lina corresponde à postura conservadora de muitos estrangeiros que foram à Berlim weimariana e se assustaram com a cidade, relatando em seus escritos ideias exageradas e que não

correspondiam à realidade.

Tais questionamentos elaboram um novo olhar sobre Berlim que destoa do mito que a considerava detentora de um ar alcalino que “continha um éter tóxico que atacava o sistema nervoso central, estimulando paixões suprimidas e animando todos os tiques externos de perversidade sexual” (GORDON, 2006, p.14, tradução nossa). Segundo Storer,

Havia uma percepção popular entre os britânicos de que Berlim era uma cidade cedida inteiramente ao prazer, onde a vida era uma longa rodada de atividade frenética, como se os berlinenses tivessem enlouquecido coletivamente e participassem de uma enorme orgia sem parar (2010, p.86-87, tradução nossa).

Esses discursos destoam do cotidiano berlinense. Se de fato Berlim possuía uma atmosfera que impulsionava às práticas sexuais, parece que o jornalista e Lina, personagens de *Berlin Alexanderplatz*, não foram atacados pelo éter tóxico que pairava no ar.

A representação em questão leva à seguinte conclusão. Para Chartier, o lugar de enunciação do sujeito, ou seja, o contexto de origem no qual a representação foi construída, é fundamental para entendê-la (2002, p.17). Se virmos que o mito de Berlim se deve principalmente à experiência de ingleses de apreensão de uma realidade além do que a cidade era, observa-se que há um contexto de representação.

Alfred Döblin não era um inglês, era um cidadão berlinense. Por isso, a construção do discurso da cidade embevecida de sexo e degeneração parece ser escamoteado justamente porque o autor, como um berlinense, enxergava Berlim em sua complexidade de questões sociais. E isso não quer dizer que todos os ingleses pensassem a cidade por esse viés. Analisando a trajetória do escritor Christopher

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

Isherwood, Russo explica que “Para muitos, Weimar não era decadente, ela era o novo, a possibilidade, finalmente” (2018, p.187)”. Muitos intelectuais que penetraram as fronteiras da Berlim weimariana não foram movidos apenas pela “ideia de fruição sexual” (RUSSO, 2018, p.152). Apesar da vida noturna da cidade não ter sido o único interesse que movia todos para lá, muitos autores adentraram em uma nova realidade e passaram a relatá-la dentro de moldes que a enxergava além do que realmente era. O que se percebe na composição feita por muitos autores que construíram e reproduziram o mito de Berlim é a ausência de um olhar crítico de estrangeiro sobre a cidade. Muitos estavam embevecidos de conservadorismo, já outros, entusiasmados pelas inovações que encontravam na cidade, com seus bailes, cabarés e mercado sexual, longe do conservadorismo inglês. Esses olhares fazem parte de um lugar social, e Döblin possuía um lugar diferente.

5. O posicionamento do autor

Há hoje uma palestra na Landsberger Strasse, Alexanderpalais, aí Franz poderia ouvir algo sobre a injustiça que se comete diariamente a um milhão de pessoas na Alemanha. É de arrepiar os cabelos. O homem ainda lhe empurrou uma pilha de revistas velhas debaixo do braço. Franz suspirou, olhou a pilha em seu braço; sim, provavelmente acabará indo. O que devo fazer lá, vou mesmo até lá, será um bom negócio com essas revistas. Os boiolas; ele só me pôs isto debaixo do braço, devo levar para casa e ler. Os rapazes até que dão pena, mas na verdade não tenho nada a ver com eles (DÖBLIN, 2019, p.79).

A partir desse trecho, é possível saber que haverá uma palestra feita por um dos movimentos pela emancipação homossexual. Ela seria fornecida, segundo diz Franz, pejorativamente, aos *boiolas*, e a personagem precisava levar as revistas para vender a esse público. Focaremos na utilização do termo “injustiça” e da expressão “é de arrepiar os cabelos”, utilizados pelo narrador, e no sentimento de “pena” sentido por Franz em relação às injustiças sofridas pelos milhares de alemães mencionados na passagem.

Entre as representações e o autor

Ambos servem de justificativa para a realidade vivida por milhares de homens e mulheres homossexuais na Alemanha. Como Berlim é o espaço de ambientação da obra, podemos observar que essa crítica é feita, pois, apesar de ser o principal palco da liberdade sexual, a cidade ainda fazia parte de um país que não havia descriminalizado a prática da homossexualidade masculina, mesmo que, na capital, o parágrafo 175 não fosse aplicado de forma eficaz se comparada com outras cidades (RUSSO, 2018, p.163). Também não havia fornecido total cidadania para homens e mulheres homossexuais, fazendo com que diversas pessoas que não se adequassem ao padrão heterossexual pudessem ser livres em alguns aspectos, mas não totalmente. A liberdade era inexoravelmente limitada, e Döblin nos mostra de que forma ela funcionava.

Segundo Pesavento (2004, p. 82-83),

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Porque se fala disto e não daquilo em um texto?

A partir disso, pode-se tecer determinadas interpretações em torno da forma como Döblin explana sobre o seu posicionamento em relação à descriminalização da homossexualidade e da opressão, apesar da liberdade sexual, que permanecia sendo vivida por muitos homossexuais na Alemanha, a partir do narrador e da personagem Franz. A literatura “é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo” (PESAVENTO, 2004, p. 83). Se é tomada a partir do autor, por qual motivo Döblin utiliza, por exemplo, a palavra “injustiça” na voz do narrador para designar a situação vivida por muitas pessoas na Alemanha?

Há inexoravelmente uma profunda relação entre a obra e o posicionamento do autor. Se for pensado nos múltiplos projetos que compuseram a Berlim weimariana,

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

parece compreensível que um posicionamento a favor dos direitos dos LGBTQ fosse algo mostrado, tal como o posicionamento contrário o foi. Contudo, Döblin utiliza o seu narrador e, não obstante, Franz repete algumas vezes durante o capítulo que sente “pena”, e ele é a personagem principal. O autor pode ter introduzido na narração e no posicionamento do seu personagem as suas próprias convicções sociais. Durante a República de Weimar, o *Wissenschaftlich-humanitäres Komitee (Whk)*⁵, passou a lutar contra o parágrafo 297, o qual condenava a prostituição masculina a até sete anos de trabalhos forçados (TAMAGNE, 2006, pp. 64-65). Um dos integrantes da organização, Richard Linsert, publicou um compilado de entrevistas com grandes personalidades do período, sendo uma delas Döblin, que reivindicavam a modificação do parágrafo do código penal alemão (TAMAGNE, 2006, pp. 64-65). Isso demonstra que Döblin foi de fato engajado politicamente. Segundo esse dado biográfico, o autor participou de um projeto realizado por uma organização que lutava pelos direitos dos LGBTQ.

Também, após a Primeira Guerra Mundial, o autor prosseguiu a sua formação como analista em Berlim, passando a ser membro da Associação de Médicos Socialistas, onde teve contato com o trabalho do médico e sexólogo Magnus Hirschfeld (LEWIS, 2018, p. 163). Esse foi o principal atuante do *Whk*, e em 1919 fundou o Instituto de Ciências Sexuais (*Institut für Sexualwissenschaft*) (MARHOEFER, 2015a, p.3). No romance, o Instituto é mencionado: “Testifortan, maca registrada n. 365.695, tratamento sexual segundo os médicos sanitaristas dr. Magnus Hirschfeld e dr. Bernhard Schapiro, Instituto de Ciências Sexuais, Berlim” (DÖBLIN, 2019, p. 39).

⁵ Surgido em 1897, em Berlim, o Comitê Científico Humanitário (tradução nossa do inglês *Scientific Humanitarian Committee*) foi o primeiro movimento em prol da luta pela descriminalização da homossexualidade masculina e pelos direitos sociais dos gays, lésbicas, transsexuais e bissexuais da História do Ocidente (MARHOEFER, 2015a, p.6-9).

Entre as representações e o autor

O Instituto possuía como princípio o uso da ciência para ditar como o Estado e a sociedade deveriam lidar com a sexualidade, defendendo que a homossexualidade era puramente biológica e não patológica (MARHOEFER, 2015a, p.4). O acolhimento de pessoas fora da norma heterossexual e a realização de estudos sobre as mais variadas formas de sexualidade, constituíram-se em alguns objetivos da Instituição. Dessa forma, Alfred Döblin teve contato com os estudos do médico e sexólogo Magnus Hirschfeld e com as teorias deste contra a patologização da homossexualidade, podendo ter sido de alguma forma influenciado a acreditar na ilogicidade da permanência de uma legislação opressiva.

Mesmo que a ideia de uma homossexualidade inata não esteja presente na novela *Die beiden Freundinnen und ihr Giftmord*, pois Döblin a mostra formada por fatores externos e a partir do complexo de Édipo, ele não a considera patológica, usando a psicanálise para explicá-la (LEWIS, 2018, p.170).

Segundo Chartier,

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (2002, p.17).

Buscando entender a representação realizada em Döblin, o qual parece tecer uma crítica ao retratar a liberdade sexual, observamos uma busca do autor pela legitimação de um “projeto reformador”, podendo este ser baseado sobretudo na busca por uma nova realidade na qual a permanência de medidas de criminalização de determinadas condutas da sociedade, vinculada ao exercício da sexualidade do sujeito, fosse coibida. A escolha de uma imagem em detrimento de outra é por si só

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

uma imposição de uma autoridade.

Se a censura da era weimariana entrou em falência, sobretudo em Berlim, realizar denúncias sociais em suas obras foi algo desfrutado por muitos autores e ativistas sociais, sobretudo por aqueles que estavam inseridos nas lutas em prol dos direitos sociais dos homossexuais (MARHOEFER, 2015b). Se a obra parece escamotear a ideia de uma liberdade sexual sem limites, não é apenas porque a realidade era uma liberdade que ainda convivia com forças que a limitavam, mas também para instituir uma crítica social e dessa forma reivindicar transformações.

Segundo Cândido, “a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles” (2004, p. 186). Nesse prisma, se a representação social em *Berlin Alexanderplatz* for pensada a partir da cacofonia de vozes desse trecho da obra, observa-se que o romance carrega uma apreensão crítica da realidade, portanto pretende desmascarar as injustiças sociais.

Isso não quer dizer que Berlim seja perversa para com aqueles que não se enquadravam na heterossexualidade, pois “a política de tolerância da cidade” permitia um espaço de exercício da própria sexualidade (RUSSO, 2018, p.162). Quando o autor menciona “alemães”, ele critica um país, e não apenas a cidade, mas utiliza Berlim para a construção da sua crítica, pois a capital ainda faz parte de um país e ainda é afetada pelas suas políticas e forças de limitação da liberdade sexual.

Além disso, a ideia de um “projeto reformador” parece ir de acordo também com o ano em que o romance foi publicado, 1929, quando as lutas em prol da descriminalização do parágrafo 175 atingiram um grande protagonismo na esfera política. Publicar em 1929 uma obra na qual as críticas contra as injustiças sociais são

representadas parece ter um objetivo para que o conteúdo pudesse ser estendido para aqueles que o lessem e a reivindicação pudesse ser intensificada. Dessa forma, podemos cogitar essa hipótese como uma estratégia de representação realizada pelo autor, a qual explicita não apenas as suas próprias intensões, mas também de como algumas lutas sociais estavam sendo realizadas na República de Weimar.

6. Berlin Alexanderplatz também significa luta

O velho jornalista enfiou-o no pequeno salão onde quase só havia homens sentados, na maioria muito jovens, e algumas mulheres, mas também como casais. Por uma hora, Franz não disse uma palavra, por trás de seu chapéu, soltava risadinhas. Após as dez horas, não pôde mais se conter, teve de sair, as pessoas, a coisa toda, eram engraçadas demais, vários homossexuais num monte só, e ele no meio deles, saiu às pressas e gargalhou até chegar à Alexanderplatz (DÖBLIN, 2019, p.80).

Após se deparar com os homens e mulheres homossexuais numa palestra na Landsberger Strasse, e ter permanecido por quase uma hora soltando risadinhas, Franz sai do local desistindo de vender as revistas. O narrador ainda descreve uma parte da palestra ouvida pela personagem no local:

Por último, ouviu ainda de lá de dentro o palestrante falar de Chemnitz, onde haveria uma ordem policial de novembro de 1927. Segundo ela, os casais do mesmo sexo não podiam andar pela rua nem usar os banheiros públicos, e caso fossem pegos, a multa seria de trinta marcos (DÖBLIN, 2019, p.80).

É provável que a palestra em questão estava sendo realizada pelo movimento social conhecido como Ligas de Amizade Alemãs. Com o fim da guerra, a revolução e o início da república, ocorreu uma oportunidade para a intensificação das formas de reivindicações para a emancipação homossexual, as quais já ocorriam desde o final do século XIX, e a construção de novas estratégias de lutas. Foi em 1919 que a luta pela emancipação homossexual alcançou grande apogeu, com o surgimento do primeiro movimento de massa pela emancipação homossexual da história, as

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

chamadas ligas de amizade (MARHOEFER, 2015a, p. 40). Essas associações ofereciam aos seus membros concertos, debates, conferências sociais e eventos esportivos, além de salas de conferência, livrarias e seções para mulheres (TAMAGNE, 2006, p. 75).

As ligas de amizade tiveram como principal campo de atuação Berlim, apesar de ser uma organização nacional (MARHOEFFER, 2015a, p.42). Além disso, a forma como a censura estava fragmentada proporcionou que os movimentos sociais a utilizassem a seu favor, aumentando consideravelmente o número de militantes (MARHOEFER, 2015b, p.67). Em 1920, as ligas de amizade se unificaram sob o nome *Deutscher Freundschaftsverband*⁶ (DFV) (TAMAGNE, 2006, p.75). De forma gradual, o movimento passou a construir um grande arcabouço de luta política, organizando congressos para atrair mais membros e discutir ações militantes (TAMAGNE, 2006, p. 75).

Nessa passagem, é importante notar que Berlim, centro do poder republicano, serviu como palco para a luta contra as opressões realizadas em outras cidades. O que prevalecia em Berlim, e singularizava o seu cenário dentro da Alemanha, era sobretudo a tolerância, mesmo que parcial, sendo os homossexuais “encorajados pela polícia a procurá-la em caso de chantagem, sem medo de processos criminais” (RUSSO, 2018, p.162). Dessa forma, Berlim servia como um campo do qual irradiava a luta pela emancipação homossexual para outras cidades, o que a singulariza (RUSSO, 2018, p.161) dentro do conjunto heterogêneo que constituía a Alemanha do período.

Após essa passagem do romance, que representa os movimentos sociais, Franz foi até sua casa e foi acompanhada a forma como ele fica terrivelmente abalado com

⁶ Ligas de Amizade Alemãs [tradução nossa do inglês *German Friendship League* (TAMAGNE, 2006, p.75)]

Entre as representações e o autor

a situação dos homossexuais. Na manhã do dia posterior ao acontecimento em questão, a personagem começa a refletir sobre alguns episódios que poderiam ser vividos por pessoas que se relacionam fora da norma heterossexual. A partir daí, o autor parece continuar tecendo as suas críticas em torno das opressões que o governo alemão permanecia realizando sobre pessoas LGBTQ.

Em uma das reflexões de Franz, ele imagina um homem se encontrando com um prostituto no Tiergarten, principal centro de prostituição masculina de Berlim, indo os dois a um hotel. Devido a uns buracos na parede, algumas pessoas os veem fazendo sexo e ameaçam denunciar o homem para a polícia. Quando a denúncia chega, a personagem em prantos diz “Será que roubei? Cometi algum assalto? Apenas assaltei o coração de uma pessoa querida” (DÖBLIN, 2019, p. 82). Em seguida, Franz pensa em mais uma situação na qual um homem está pensando em um presente que poderia dar para a sua namorada travesti. Essa passagem possui um desfecho inexoravelmente crítico em relação à defesa do fim das opressões vividas por milhares de alemães: “Liberdade para o amor em todas as frentes” (DÖBLIN, 2019, p.82).

Se a obra literária for compreendida como uma representação feita por um agente histórico, pode-se perceber que, desde o início do capítulo, com as mulheres da revista que lutam pelos direitos humanos, Döblin incide um olhar específico sobre as lutas pela emancipação homossexual como um acontecimento a ser relatado.

Como vimos anteriormente, na sua vivência em Berlim, especialmente durante a República de Weimar, o autor teve contato com pensamentos e pessoas vinculadas à luta pela emancipação homossexual. A partir das nossas hipóteses, parece que o autor utiliza a sua obra como uma construção narrativa na qual as lutas sociais e a

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

crítica sobre a condição vivida pelos homossexuais fazem-se presente. Ela é, portanto, recortada como aquilo que deve ser representado (PESAVENTO, 2004; BURKE, 2005). Tal representação é realizada por Döblin seja por ele entender o valor das lutas sociais naquele espaço como alternativa para transformações sociais ou/e para propagar as suas críticas em torno da permanência da criminalização da homossexualidade.

Portanto, Berlim é representada com múltiplas forças e questões sociais, e não como um lugar entregue ao vício sexual e à decadência como muito do que foi escrito sobre ele, o qual invisibiliza uma ideia plural da cidade e a sua importância para a história da homossexualidade. A partir do romance, Döblin oferece um novo olhar sobre Berlim. Nesse olhar, a “Meca sexual do século XX” (RUSSO, 2018, p.144) é fragmentada, dando lugar a um ambiente no qual a elaboração de lutas e liberdades estavam presentes. Isso é fundamental para a elaboração de novos olhares sobre a Berlim weimariana e a sua importância para a história das lutas pela emancipação homossexual.

Considerações finais

A partir dessa reflexão histórica sobre o romance escrito por Alfred Döblin, foi proposto neste artigo se incidir um novo olhar sobre Berlim durante a República de Weimar. As reflexões e hipóteses engendradas durante a esta pesquisa levam em consideração que a obra literária corresponde a uma representação de grande proficuidade da liberdade sexual na Berlim weimariana. Nesse ínterim, este trabalho se constituiu em tentar analisar como o romance desmistifica os discursos inverossímeis construídos sobre a capital alemã como um espaço de decadência e degeneração sexuais.

Entre as representações e o autor

Em *Berlin Alexanderplatz*, o autor retrata a capital da Alemanha sob uma miríade de projetos e imaginários, sendo um deles a liberdade sexual. Esta não é protagonista no romance, pois é apenas mais uma das questões sociais que estavam em voga em Berlim e atravessam a narrativa e a vida das personagens de alguma forma. É dessa forma que Benjamin (1987, p. 57) enxerga o romance, explanando que o narrador “fala a partir da cidade. Berlim é seu megafone”. Por causa disso, Berlim não é reduzida a um simples enquadramento, mas a múltiplos, e todos são importantes, à sua maneira, para entender a dinâmica vivida pela cidade durante a República de Weimar.

A partir das reflexões de Chartier (2002), Burke (2005) e Pesavento (2004), foi observado que o romance não é simplesmente um mero reflexo da realidade, mas também a consequência de um enquadramento feito pelo autor, o qual é sobretudo um agente histórico, sendo atravessado por um meio e escolhendo o que deve ou não ser representado. Portanto, seus valores, lugar social e objetivos de representação são fundamentais para entender a narrativa. Dessa forma, foram levantados alguns dados biográficos e bibliográficos sobre Alfred Döblin, os quais buscam corroborar as hipóteses desta pesquisa sobre o motivo de uma dada representação ser escolhida, em detrimento de outra, para compor a narrativa de *Berlin Alexanderplatz*. Grande parte das representações da liberdade sexual parecem estar vinculadas à forma como o autor enxergava as questões sociais vinculadas à parcial liberdade sexual durante a República de Weimar, dando prioridades à representação da luta e à elaboração de críticas sociais.

Também foi observado até que ponto Döblin consegue realizar uma representação que corresponde ao olhar que dialoga com as novas perspectivas de análise sobre a Berlim weimariana. Por isso, acredita-se que este trabalho se constitui

Dawyd Thiago de Oliveira Almeida e Thawanny Victória Santos Costa

em uma produção que pretende incrementar novas reflexões em torno da história de Berlim durante a República de Weimar. Desmistificando a ideia de crise para analisar o período, procurou-se elaborar, a partir do romance, formas de se olhar para a capital alemã, sobretudo em torno da liberdade sexual, uma vez que ela não pode ser olhada unicamente sob um viés da decadência e de práticas sexuais exageradas, mas, sim, através de um olhar ambíguo, do qual o romance é repleto, contrastando liberdade com certos limitantes. Além disso, buscou-se analisar a forma como Berlim é representada como um ambiente para a construção e disseminação de lutas sociais, observando a importância das práticas que ali foram desenvolvidas para a história dos movimentos pela emancipação homossexual do Ocidente.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** (Trad. Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo, Brasiliense, 1987.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. reorg. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª edição. Col. Memória e Sociedade. Difel: Algés, 2002.

DÖBLIN, Alfred. **Berlin Alexanderplatz**. Trad. Irene Aron. - 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2019.

GORDON, Mel. **Voluptuous Panic**. Feral House, 2006.

LEWIS, Alison. Alfred Döblin's literary cases about women and crime in Weimar Germany. In: _____. **A history of the case study**. Manchester University Press, 2017.

MARHOEFER, Laurie. **Sex and the Weimar Republic: German homosexual**

emancipation and the rise of the Nazis. Toronto: Toronto University Press, 2015a.

_____. "The Book Was a Revelation, I Recognized Myself in it": Lesbian Sexuality, Censorship, and the Queer Press in Weimar-era Germany. **Journal of Women's History**, v. 27, n. 2: pp. 62-86, 2015b.

MIDGLEY, D. Radical Realism and Historical Fantasy: Alfred Döblin. In: _____. LEYDECKER, K. (org.). **German Novelists of the Weimar Republic: Intersections of Literature and Politics**. Na, 2006.

MORGAN, Peter. Coming out in Weimar: Crisis and homosexuality in the Weimar Republic. **Thesis Eleven**, v. 111, n. 1, p. 48-65, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª. Ed, Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2004.

_____. 2006. **História & literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em 19/10/2020.

RUSSO, Tatiana Rodrigues Gama. **Berlim: guerra, luto, masculinidade e modernidade** - Uma perspectiva literária da capital da República de Weimar como laboratório da modernidade através da análise das obras de Alfred Döblin e Christopher Isherwood. Dissertação de mestrado. 2018.

SHEA, Nicole. **The politics of prostitution in Berlin Alexanderplatz**. Peter Lang, 2007.

STORER, Colin. **Britain and the Weimar republic: the History of a Cultural Relationship**. Tauris Academic Studies, 2010.

TAMAGNE, Florence. **A History of Homosexuality in Europe, Vol. I & II**: Berlin, London, Paris; 1919-1939. Algora Publishing, 2006.

ZIMMERMAN, Bonnie. **Lesbian histories and cultures: An encyclopedia**. Taylor & Francis, 2000. APA.